

## Os Caminhos de Luísa Ferreira

Entre os vários caminhos do olhar fotográfico subsiste aquele que documenta costumes ancestrais do mundo rural. O progressivo declínio da ruralidade confronta os fotógrafos do mundo urbano e industrial do presente com a premência da preservação da memória. Uma memória, mais longínqua ou mais próxima dos antepassados de cada um de nós, que tanto pode suscitar a nostalgia da comunhão do homem com a natureza, como pode simplesmente ser parte do nosso património histórico e cultural.

As antigas formas de pastorícia, hoje ameaçadas de extinção, conheceram ao longo dos séculos intensa actividade que motivou uma iconografia artística vasta e diversificada. As representações pictóricas da pastorícia eram frequentemente associadas a motivos bíblicos, uma vez que a simbologia cristã atribuía o título de “Bom Pastor” a Jesus Cristo e a designação de “Cordeiro Místico” ou “Cordeiro de Deus” (*Agnus Dei*) a uma ovelha. Fora do contexto religioso os temas pastoris viriam a autonomizar-se na pintura de paisagem dos séculos XVIII e XIX, exaltando as qualidades da vida rural ou sublinhando o pitoresco da presença dos animais na natureza. Com a invenção da fotografia, a partir do século XIX, e por influência inicial dos temas pictóricos, realizaram-se expedições ao mundo rural, as quais nos devolvem hoje a consciência das transformações ocorridas desde então.

Em Portugal, na primeira metade do século XX, quando ainda as tradições da pastorícia pareciam imutáveis, interessavam aos fotógrafos amadores os efeitos de luz do entardecer bucólico sobre os dorsos de lã dos rebanhos, os trajas e os rostos endurecidos dos pastores, decerto uma herança da pintura naturalista que resistiu longamente às propostas modernistas. No que respeita à fotografia de autor, em 1970 foi ainda possível ao americano George Krause (n.1937) realizar numa zona montanhosa do interior de Portugal uma inesquecível fotografia de um rebanho de ovelhas entre rochedos, que nos lembra uma vista parcial de um presépio barroco.

Ir ao encontro dos últimos pastores e do que resta das antigas rotas de transumância no território português é certamente para Luísa Ferreira mais do que uma prática de reportagem ou de registo documental. É sobretudo uma forma de vivência: a fotógrafa vai também ao encontro de si própria e das suas memórias, impelida pela densidade dos momentos de encontro, que ela torna ainda mais decisivos e significativos através do acto fotográfico. Ela guarda desses encontros a vida agreste dos pastores dominando a paisagem na solidão dos dias. Mas rejeita encenações e efeitos pictorializantes. Sem dúvida, quem alguma vez se cruzou com um rebanho levantando uma densa nuvem de pó e com os odores e sons que atravessam subitamente os caminhos, dificilmente esquecerá tal experiência. De resto, este discurso fotográfico de Luísa Ferreira, não está tão longe como poderia parecer do projecto de auto-retrato em que ela regista fragmentos do quotidiano doméstico, incluindo partes do seu corpo. Simultaneamente sedentária e nómada, a fotógrafa representa-se a partir da experiência de um olhar circundante: o corpo, a casa, a cidade, o mundo. Em “Aurora dos Caminhos”, projecto expositivo elaborado para o cinema São Jorge em Lisboa, no âmbito do Festival Rotas e Rituais, Luísa Ferreira reúne agora um conjunto de fotografias do seu arquivo pessoal, realizadas ao longo das últimas duas décadas por todo o país, sempre que encontrou pastores e seus rebanhos. Algumas dessas imagens foram obtidas na Beira Interior, no âmbito de projectos de encomenda, nomeadamente do Centro de Estudos Ibéricos (*Um eterno olhar. Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e a Guarda*, Guarda, 2006/2008) e da Câmara Municipal de Castelo Branco (*Fronteiras, espelhos do mundo / Os rios traços de união*, Castelo Branco, 2002). Também nos subúrbios de Lisboa, a sua cidade, Luísa Ferreira descobre novos pastores urbanos ou vestígios de costumes rurais ligados à pastorícia. Um mundo de contrastes que afinal nos confronta com as possibilidades de uma inesperada aurora.

Rui Oliveira  
Lisboa, Maio 2009